

Essa resposta é descomunalmente simples: a responsabilidade de todo esse mal não vem da imperfeição inata do homem e sim do meio circundante, o "milieu". O homem é mero produto desse meio; sendo este último bom, o homem, por sua vez, há de prosperar maravilhosamente. Por ter sido até então a organização da sociedade imperfeita e perniciosa, eis por que tantos homens se não tornaram infelizes e maus. No entanto, uma reforma adequada das condições exteriores é capaz de facilmente transformá-los todos, inclusive os mais depravados e os mais atrasados, em seres felizes, bons e de grande valor.

Como acontece à maior parte das "doutrinas novas", essa "teoria do meio" que espera o progresso dum reforma das condições vitais e das instituições, não era verdadeiramente "nova", quer nas suas premissas, quer nas suas conclusões. Locke e Hume já haviam ensinado que o espírito humano, ao nascer, é uma "fôlha em branco"; o cérebro, uma massa não articulada, sem preparação nem orientação alguma, uma multiplicidade de possibilidades indefinidas que podem, mercê da educação, plasmar-se e desenvolver-se à vontade e sem limites, de todos os modos e em todos os sentidos.

Por seu turno, o grande naturalista Lamarck havia estabelecido o princípio da "hereditariedade dos caracteres adquiridos" que dizia que o caráter podia guardar a influência do meio até nas gerações posteriores. Deste modo, a ciência do século XVIII já tinha encontrado a doutrina otimista pela qual bastava que a humanidade fizesse progredir apenas uma geração, graças ao melhoramento de suas condições de vida e de sua educação, para fomentar assim um progresso que se iria manter por todo o futuro.

Já naquele tempo, haviam-se edificado muitas doutrinas políticas e sociais nessa base geral da teoria do meio. Apoiando-se na filosofia inglesa, Montesquieu havia declarado que todos os seres vivos parecem determinados pelas circunstâncias do clima, da religião, da história e dos costumes e que, assim, tanto o "espírito coletivo" como o indivíduo podem ser transformados graças a uma modificação lenta e prudente desses fatores.

Essa doutrina do meio, assim estabelecida há muito tempo, Owen vai formulá-la dum forma extremamente singela e logo compreensível, que lhe proporcionará um sério influxo sobre o mundo. Ao passo que os sábios ingleses e franceses ainda mantinham mergulhada a idéia essencial em toda sorte de considerações filosóficas, obscurecendo-a assim para a grande massa até torná-la incompreensível, eis que o cérebro livre de qualquer conhecimento filosófico e a imaginação dum jovem fabricante rapidamente enriquecido vão dar ao sistema sua devida e integral clareza.

Owen aprendera a conhecer a máquina como a grande conquista que havia transformado o mundo. Quem, como êle, enriqueceu mercê

da máquina, encara a criação inteira do ponto de vista "maquinal". Para êle, o pensamento não é senão um processo mecânico; o homem, uma "máquina de pensar"; o mundo, uma grande fábrica e, por conseguinte, o caráter, um produto maquinal "do qual o próprio homem constitui apenas a matéria prima".

O sistema social por êle ideado e a que denomina exclusivamente o "novo maquinismo", deve poder ser utilizado "como uma invenção, como uma nova máquina" destinada a facultar "uma maior produção de felicidade". Educar, para êle, resume-se em "fabricar caracteres". A esta concepção industrialista da redenção do mundo é que devemos atribuir, em primeiro lugar, o otimismo com que Owen considera a formação dum humanidade harmônica como um problema de fácil solução.

Para este "novo artefato", Owen guardava pronto, em reserva, um projeto no qual, exatamente como no plano do falanstério de Fourier, a aplicação prática era prevista até nos seus menores detalhes e minuciosamente delineada.

Como o negociante francês que virara reformador universal, o fabricante inglês imagina também aglomerações de mais ou menos mil e quinhentas pessoas. Cada uma dessas colônias tem no centro um grupo de prédios dispostos em quadrado. O bloco principal é ocupado por uma cozinha pública, refeitórios e "todas as instalações indispensáveis para preparar economicamente refeições e tomá-las confortavelmente". À direita, encontra-se uma ala cujo pavimento térreo serve de escola. Os andares superiores são ocupados por uma sala para exercícios de devoção e uma sala de leitura. A ala esquerda contém, na parte térrea, uma escola de aperfeiçoamento e um salão para assembléias. Três lados do quadrado estão reservados para os apartamentos de quatro peças, dos operários casados. O quarto lado é formado por um dormitório onde estão recolhidas as crianças de mais de três anos de idade, bem como as das famílias que contam mais de dois filhos. No centro desta quarta ala, acham-se os aposentos do pessoal de fiscalização dos dormitórios. Atrás dos prédios, em redor do quadrado por êles formado, estendem-se as hortas e junto a estas, searas e prados com sebes de árvores frutíferas. E' lá também que se erguem as oficinas e as fábricas e, um pouco mais além, alguns edifícios com as instalações indispensáveis para a fabricação de pão e de cerveja.

A divisão do trabalho baseada na idade, está tão minuciosamente calculada e prescrita como a disposição dos prédios. Os homens moços de vinte a vinte e cinco anos têm de ser os produtores ativos. A defesa e conservação da riqueza social é confiada aos homens que não tiverem passado dos trinta anos. A manutenção da ordem inte-